

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ – UNIFESSPA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – ICH

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS - FACED

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LARA CAROLINE CARDOSO DA LUZ

**ENTRELAÇANDO FIOS:
POSSIBILIDADES DE LEITURA PEDAGÓGICA NA OBRA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

LARA CAROLINE CARDOSO DA LUZ

**ENTRELAÇANDO FIOS:
POSSIBILIDADES DE LEITURA PEDAGÓGICA NA OBRA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) do Instituto de Ciências Humanas (ICH), Campus I da cidade de Marabá-PA, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Dr. Tiese Rodrigues Teixeira Junior

Marabá-PA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

L979e Luz, Lara Caroline Cardoso da
Entrelaçando fios: possibilidades de leitura pedagógica na obra de
Conceição Evaristo / Lara Caroline Cardoso da Luz. — 2023.
37 f. : il.color.

Orientador (a): Tiese Rodrigues Teixeira Junior.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do
Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências
Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia, Marabá, 2023.

1. Literatura – Aspectos sociais. 2. Evaristo, Conceição, 1946-. 3. Leitura.
4. Ensino. 5. Educação. 6. Literatura – Estudo e ensino. I. Teixeira Junior,
Tiese Rodrigues, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 807

Elaborado por Miriam Alves de Oliveira – CRB2/583

DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE MONOGRAFIA**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Autora: LARA CAROLINE CARDOSO DA LUZ

Título: **ENTRELAÇANDO FIOS: POSSIBILIDADES DE LEITURA PEDAGÓGICA NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Monografia defendida e aprovada em ____/____/____, com NOTA ____
(_____), pela comissão julgadora:

Professor Dr. Tiese Rodrigues Teixeira Jr (Unifesspa – Orientadora)

Professor Dr. Davison Hugo Rocha Alves (Unifesspa – examinador interno)

Professor Dr. Waldemar Júnior (Unifesspa – examinador externo)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu porto seguro, minha família. À memória de meus avós, Maria, Nantildes e Benedito Honorato, por todo amor recebido durante toda a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Leonice e Manuel, que me trouxeram à vida, minhas primeiras fontes de sabedoria e amor. Nada nesse mundo seria possível sem vocês. Obrigada, por sempre acreditarem no meu potencial e por incentivarem meus estudos desde a infância, por me mostrarem que o caminho da educação seria árduo, mas muito gratificante e, por não desistirem dos meus sonhos, apesar das inúmeras dificuldades, meu amor por vocês é incondicional.

Aos meus irmãos, Leonan e Glauber, por terem feito parte dessa trajetória me apoiando, sempre segurando na minha mão. Vocês sempre foram meus exemplos e inspiração, sou imensamente feliz e grata por ter vocês na minha vida.

Agradeço, também, aos meus avós, Maria, Nantildes e Benedito Honorato. À quem devo minha eterna gratidão, com vocês aprendi sobre honestidade, humildade e força para vencer os obstáculos da vida. Apesar da saudade, de forma física, sei que estão torcendo por mim em algum lugar.

À todos meus animais de estimação que, durante todos os meus processos pessoais e acadêmicos, foram meu apoio e amparo emocional, gratidão aos que se foram e aos quais ainda permanecem em minha vida.

Uma imensidão de agradecimentos a todos os professores que fizeram parte dos meus desenvolvimentos, desde a infância, até a graduação superior. Eternamente grata pelo conhecimento que me proporcionaram e humanidade nos momentos esperados e inesperados, em especial, aos professores Tiese e Davison, os quais acreditaram em meu potencial quando eu mesma duvidei, me mostraram com muito afeto que é possível ser o que sempre sonhamos, cada degrau só foi alcançado porque vocês estiveram comigo nessa caminhada. Muito obrigada!

Não seria possível ter alcançado essa conquista, também, sem minhas amigas de sala, Débora, Leilane, Vitória e Valdenize. Muito obrigada, pela amizade durante esses quase cinco anos juntas, quando mais precisei, vocês estavam presentes. Às minhas melhores amigas do colegial, Laura e Larissa, sonhamos com esse momento e estamos realizando juntas, apesar da distância, gratidão pela amizade de vocês.

À todos os meus amigos e familiares no geral que, diretamente ou indiretamente, torceram por mim e pelas minhas conquistas.

Por fim, agradeço a Deus, nossa senhora de Nazaré e aos Orixás, pela força e saúde que me deram durante os percalços, nunca me senti tão abençoada como

pude sentir durante os anos da graduação. Obrigada, pelo privilégio do acesso à educação e pelas oportunidades de vida que jamais imaginei merecer!

EPÍGRAFE

“[...] E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência.”

(Conceição Evaristo)

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar as possibilidades de leitura pedagógica na obra de Conceição Evaristo (2016), a partir de uma abordagem reflexiva, buscamos tecer considerações sobre como as leituras pedagógicas podem contribuir, não apenas como entretenimento do leitor, ou leitora, mas oportunizar um olhar sobre o tecido social brasileiro, a partir de representações de histórias de mulheres negras que se anunciam e escrevem suas vidas a partir de outros mundos. Metodologicamente, fazemos uso da pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica. O corpus de análise foi retirado do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, (2016). Teoricamente, fazemos uso do conceito de Leitura Pedagógica, em Moura (2020). Os capítulos, ou contos, da obra analisados são: Natalina Soledad, Maria do Rosário Imaculada dos Santos e Mirtes Aparecida da Luz como principais referências do trabalho proposto, priorizando as temáticas neles envolvidas. A pesquisa mostra que a obra de Conceição Evaristo tem um forte potencial para a prática da leitura Pedagógica pois seu teor reflete questões sociais graves que precisam adentrar a sala de aula.

Palavras-Chave: Conceição Evaristo. Educação. Literatura. Leitura Pedagógica.

ABSTRACT

The study analyze the possibilities of pedagogical reading of Conceição Evaristo (2016) work, from a reflective approach, the study pursues to elaborate factors about how pedagogical readings can contribute, not only as entertainment for the reader, but to provide an opportunity to look at Brazilian social scenario, based on black women's stories which announce themselves and write about their lives from other worlds. The methodology used was bibliographical research with a qualitative approach. The analysis corpus was extract from the book *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, (2016). Theoretically, the pedagogical reading concept used is in Moura (2020). The chapters, or tales analyzed were: Natalina Soledad, Maria do Rosário Imaculada dos Santos and Mirtes Aparecida da Luz as the main references of the proposed work, prioritizing the themes involved in them. The research shows that the work of Conceição Evaristo has a strong potential for Pedagogical reading practice because its content reflects serious social issues that need to enter the classroom.

Keywords: Conceição Evaristo. Education. Literature. Pedagogical Reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. APROXIMAÇÃO DO TEMA.....	14
2. PERCURSO METODOLÓGICO.	17
2.1. um conceito para dialogar.....	19
3. INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES: Uma leitura	22
4. A LEITURA PEDAGÓGICA NA PALAVRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

Cresci com uma família muito afetuosa e cheia de fé, na cidade de Abaetetuba, interior do Pará, vivi uma infância saudável e carregada de ancestralidade com avós oriundos do interior e ribeirinhos. Assim, aprendi desde cedo a importância de valorizar o que é nosso, desde a terra que pisamos, até à cultura e tradições que nos rodeiam.

Os anos foram se passando, e eu sempre soube que eu queria fazer a diferença de alguma forma, fui artista, fui pesquisadora no colegial, quis ser veterinária, fui ativista, mas sabia que eu ainda não estava completa. Até que, no ano em que prestei vestibular (2018), pude fazer um curso específico de redação, foi aí que surgiu uma grande paixão pela escrita e pela educação no geral. Essa experiência despertou em mim algo que já havia imaginado, mas não em ser concretizado: ser professora. Mas, entendi naquele momento que era esse o caminho a ser traçado.

Vinda de uma família humilde, sempre compreendi que a educação era a minha chance de ter um futuro estável e que pudesse dar melhorias de vida para a minha família, mas não imaginei encontrar um caminho que, surpreendentemente, fosse ser além disso. Desde quando entrei na universidade, passei a ver a docência como uma grande oportunidade de disseminar conhecimentos críticos e sociais, como se fossem uma ponte de concretização de sonhos de uma sociedade minoritária.

A Pedagogia, portanto, me faz poder ter a oportunidade de gerar grandes mudanças na vida de pessoas, pois formar cidadãos é um grande desafio mas, necessário, e nada é mais grandioso que esse papel. Sua amplitude das áreas do conhecimento me encantou, assim como a diversidade de pessoas, ambientes e espaços que podemos ocupar, por isso a escolhi.

Sempre tive muito anseio pelo conhecimento e, por ser mulher, desde pequena entendia que alguns trajetos poderiam ser mais difíceis, mas foi exatamente essa inquietação de querer entender essa discussão, que me fez crescer e viver a graduação com olhares além do senso comum.

Em 2019, fui a um congresso político em Brasília, o CONUNE (Congresso Nacional da União dos Estudantes) por meio do movimento social estudantil da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), lá encontrei um

mundo grandioso, repleto de histórias semelhantes à minha, conheci líderes femininas da política, mundo esse, que eu logo pude explorar mais durante o curso de Pedagogia.

Tive a oportunidade de ser bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), durante dois anos (2020 e 2021) no qual desfrutei de uma excelente orientação com o Prof. Dr. Davison Hugo Alves Rocha. Com essa oportunidade, onde pesquisei sobre Ditadura Militar e gênero, pude ter a certeza que, falar e estudar sobre gênero, na historicidade, na literatura ou em qualquer outra área, era uma pauta além dos anseios e dos conhecimentos pessoais, elas se tornaram questões sociais e políticas de um coletivo, não apenas meu.

Por isso, é muito significativo ter me encontrado nessa linha de pesquisa, já que sempre fui questionadora dos porquês ao meu redor desde a infância. Ainda mais, podendo trabalhar questões norteadoras das desigualdades sociais, atuando em uma profissão empoderadora e com um potencial muito grande na sociedade.

Para chegar na conclusão da temática deste trabalho, vivi momentos cruciais em duas disciplinas da graduação, Práticas de Leitura e Escrita, e Conteúdo de Ensino da Língua Portuguesa, as quais foram ministradas pelo Prof.Dr. Tiese Rodrigues Teixeira Junior. Nessas aulas, percebi o poder da leitura e do livro, da imensidão de sentimentos que podemos sentir ao ler aquilo que é significativo para nós. Dentre essas inúmeras leituras disponíveis, tive a sorte de ler um capítulo do livro de Conceição Evaristo, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*.

A leitura desse capítulo, se tornou uma experiência e me trouxe um misto de sentimentos, medo, aperto, surpresa, preocupação e uma amplitude de questionamentos sobre os mazelos vividos por mulheres e da denúncia de violências feitas em um livro literário, isso, logo à princípio, me causou um grande impacto. A partir daí, comecei a pesquisar sobre a autora e sua trajetória porque, além de ser inspiradora, é uma grande representação da literatura afro-brasileira e antirracista, que precisa alcançar mais espaços e ter mais visibilidade, sobretudo, as suas escrevivências, que são de extrema representatividade para meninas e mulheres negras. E, dessa forma, poder contribuir não apenas com o meio acadêmico, mas com o social.

Sendo assim, o objeto de pesquisa deste trabalho é a leitura pedagógica; por ser a leitura que encontrei durante a graduação e me fez querer entender inúmeros porquês do mundo feminino. Ademais, o objetivo geral é identificar as possibilidades de prática da leitura pedagógica com a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, da professora e escritora Conceição Evaristo. Os bjetivos especificos são: a- conceituar leitura pedagógica; b- problematizar a figura feminina na obra; c- identificar desigualdades sociais, identidades e memórias de mulheres negras.

Quanto ao percurso metodológico, utilizamos a metodologia qualitativa do tipo bibliográfica, no qual a fonte principal é um corpus de análise, contendo três contos retirados do livro supracitado. Desse modo, Teoricamente, fazemos uso do conceito de leitura pedagógica de Moura (2020), entre outros. Em suma, o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está dividido em uma introdução, quatro capítulos, considerações finais e as referências.

1. APROXIMAÇÃO DO TEMA

O cenário no qual se debate este tema de pesquisa é a leitura. Um tema amplo e com diversas possibilidades de análise. Começamos por pontuar que, ainda hoje, quando falamos em leitura, nossa mente projeta a palavra escrita no papel, ou seja, a linguagem verbal, construída pelo alfabeto que conhecemos. Outrora, desde o início do século passado, as reflexões sobre o objeto leitura tem apontado para o fortalecimento de outras formas de ler o mundo, estando aí, as leituras verbais, não verbais, de imagens, paisagens culturais, modos de vida, ambientes físicos e expressões corporais que mostram que este conceito é historicamente construído. (Segré, 2010.)

Mas tratando da leitura em seu âmbito mais comum, o da leitura verbal, as práticas são marcadas ainda por um teor ligado ao lazer, ao gosto, ao entretenimento, à diversão e ao prazer, aspectos de uma forma de leitura chamada de leitura poética ou estética. Esta forma de definir a leitura, liga-se a uma construção histórica e cultural no qual o objeto cultural, livro, está ligado a uma classe social específica, a burguesia. Não por acaso, pois é comum que os portais nas redes sociais que tratam de leitura tenham, no geral, imagem que remetem a um lugar idílico, bucólico, distante da maioria de nós. Por exemplo, uma casa de campo, uma moça branca, em uma casa cheia de livros e decorada com mobílias de luxo. (Segré, 2010.)

Essa ideia de leitura e de leitores, é carregada de elementos de classe, especificamente da classe rica, sendo assim, o teor das obras lidas é formado por elementos desta mesma classe social. Os temas tratam do mundo idealizado pelo autor ou pela autora, que expressam as suas referências de mundo em suas letras. Os modelos sociais de homens e mulheres são retratados nestas obras universais como únicos. Livros escritos no século XIX, por exemplo, por homens ricos e brancos, são utilizados socialmente em nossos dias como referências básicas para a prática da leitura dentro e fora das escolas.

Neste sentido, é fundamental a percepção de que literatura é portadora de mensagens sociais, discursos dos mais variados sentidos, que difundem e reforçam padrões de comportamentos e, em último caso, provêm educação, um exemplo disso é que, historicamente, o mundo produziu o silenciamento da mulher. Nesse

sentido, a história mostra que no pensamento iluminista do século XVIII, construiu-se uma produção discursiva masculina veiculada através dos livros e da leitura poética/estética, sobre a natureza do ser mulher. Por muito tempo, o discurso masculino branco objetivou o corpo da mulher e limitou seu espaço de circulação às vontades do homem. Entre os lugares a ela reservados, destacam-se: o lar e a educação dos filhos. Separada da cultura pela educação a mulher tinha sua trajetória social determinada por vontades que não eram às suas. (Segré, 2010.)

Desde o século XVIII, a literatura ajudou no fortalecimento e expansão da educação da mulher através das letras dos romances mundialmente conhecidos. Os autores, homens brancos burgueses, se encarregaram de criar e difundir suas ideias sobre o mundo feminino, apontada como um ser sem capacidade para desenvolver a razão e com forte inclinação para o cuidado materno e a sensibilidade, a mulher foi sendo obrigada a ficar em silêncio num mundo dominado por homens, pois as relações públicas e privadas de poder eram determinadas, predominantemente, pela vontade masculina. Em casa, a mulher era tratada como mais um objeto de posse do homem.

De maneira análoga, na pedagogia de Rousseau, obras amplamente lidas e debatidas, está expresso, claramente, como deveria se educar a mulher. Esta, portanto, existiria para atender as necessidades do homem, onde ela deveria casar e ser obediente ao marido; ser frágil e delicada. Para tal, o filósofo criou Sofia, a esposa ideal para Emilio, o homem ideal em sua visão. Seguindo esse percurso, a literatura foi criando escritas sobre mulheres que em alguma dimensão preservaram esses discursos e representações. Mulheres brancas, donas de casa, amáveis, frágeis, gentís, que deveriam viver para os seus maridos, as que ousassem pensar ao contrário eram mortas. Exemplos? Luiza, no *Primo Basílio*, de Eça de Queiroz; Helena, na obra *Helena*, de Machado de Assis. (Rousseau, 2022.)

Este exemplo foi descrito aqui, como forma de explicitar um conteúdo, veiculado em livros com fins educativos. Mostrando que a literatura tem também uma finalidade social de controle, orientação e projeção dos corpos e das mentes. As reflexões que tratam da teoria da leitura e das suas práticas pedagógicas tem, a partir disso, entendendo que a literatura é portadora de discursos que ajudam a manter ou a questionar a sociedade, entende-se que a leitura pedagógica é um caminho

importante para práticas educativas que tenham compromisso social com a parcela excluída da sociedade. Neste sentido, acredita-se que a escrita da professora e escritora Conceição Evaristo se apresenta como condutora de um conteúdo social significativo para diálogos críticos sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Escrita esta, chamada por ela de “escrevivências ou escrever as vivências”.

A obra trazida aqui para análise é, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, em que a autora fez uma pesquisa e entrevistas, a partir disso, escreveu parte de histórias reais de mulheres negras em que é possível traçar um claro painel das trajetórias, dos modos de vida, das memórias, das identidades e das lutas vividas por aquelas que representam uma parcela importante da sociedade e que também revelam através das suas histórias, outras formas de corpos e mentes femininas, formas que vão de encontro oposto ao pensamento masculino, branco, machista e misógino ainda presente em obras literárias amplamente difundidas e utilizadas nas práticas de leitura por este país.

Compreende-se, dessa forma, que a leitura poética e estética é importante e necessária, mas não é o bastante em uma sociedade de classe, desigual e violenta como a brasileira. É inegável a força que a linguagem carrega ao ser colocada em prática e em como ações de leitura podem construir ou fortalecer ideias, assim como, destruir e reconstruir novas formas de ler o mundo.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo foi elaborado por meio da abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa bibliográfica como base. Acreditamos que esta é a melhor maneira de estruturar o trabalho em questão de forma coerente e promover uma leitura mais fluida. Sendo assim, primordialmente, precisamos compreender do que trata-se a abordagem qualitativa e, de acordo com a perspectiva de Flick (2004), ela tem a sua relevância reconhecida no que diz respeito ao estudo das relações sociais, levando-se em conta principalmente a pluralização da vida em sociedade que tem como consequência as mudanças sociais aceleradas.

Portanto, como trata-se de assuntos que abordam relações sociais, mesmo que nesta pesquisa seja feita com base em um texto literário, é de extrema relevância que as análises presentes fossem feitas baseadas nos preceitos da pesquisa bibliográfica, pois seu uso é imprescindível no eixo educacional. Por isso, a abordagem qualitativa torna-se vantajosa nesta pesquisa, uma vez que ela trata de aspectos multiculturais, sociais, culturais, políticos e educacionais. Ao falarmos de indagações com fatores sociais, antropológicos, históricos e filosóficos de uma comunidade, apenas números não são suficientes para mais conhecimentos sobre as origens dos porquês e das gravidades, é necessário se traçar um diálogo através das falas e das bibliografias, tal qual se faz neste trabalho.

Sobre a pesquisa bibliográfica em si, ela comumente é escolhida em um viés no qual o pesquisador trabalha com os materiais já existentes, como por exemplo, livros, documentários, artigos e etc. Dessa forma, podemos explorar as teorias já aplicadas no meio educativo, também para compreender e investigar certos fenômenos sociais como racismo, machismo, violência contra a mulher, entre outros. Os quais estão presentes na fonte de pesquisa deste trabalho, o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*.

A pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (2009), se ocupa com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado, ou seja, coopera com o mundo dos significados, dos porquês, das crenças, dos valores e das multiculturalidades. Por meio da pesquisa qualitativa, é possível ser colocado o nosso ponto de vista, nossas interpretações, podemos notar as mudanças em uma sociedade através de documentos históricos e, assim, questionar o presente e seus mazelos.

Quanto ao percurso de escrita deste trabalho, pode-se afirmar que, o medo era presente, mas apesar dos anseios, foi uma experiência oposta ao que se ouve sobre a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso, no que se trata de uma elaboração extremamente difícil, foi uma experiência leve e empoderadora.

Por isso, compreender que a escrita de um trabalho tão importante como este, pudesse ser feito de maneira mais simples e que, apesar de ser acadêmico-científico, pude usar da linguagem mais acessível para os leitores, foi gratificante. Por isso, mesmo que se compreenda que a escrita é uma das bases utilizadas para comunicação, precisamos sempre lembrar que o hábito de escrever não é algo adquirido de maneira

regular, por isso, escrever é um atividade desafiadora, mas que deve ser vista e vivida de maneira mais leve e prazerosa.

2.1 UM CONCEITO PARA DIALOGAR: A LEITURA PEDAGÓGICA

A leitura e a escrita são habilidades das mais importantes adquiridas na vida do ser humano, as quais são estimuladas desde a infância, vistas como uma ferramenta essencial para a independência da vida em sociedade. Através delas, podemos explorar a criatividade e potencial dos alunos desde os primórdios de vida, no entanto, a discussão sobre transformar a leitura em função pedagógica, é um fato que ainda ocasiona debates no meio acadêmico. (Segré, 2010.)

Quando trata-se de leituras pedagógicas, há autores que conseguem fazê-las de forma magestosa, utilizando de personagens principais sujeitos reais, existentes na sociedade brasileira, pois elas são ferramentas que causam debates necessários, uma vez que tratam-se de narrativas verídicas que devem ser compreendidas e, de maneira coletiva, procurarmos um acalanto para tais dificuldades. (Moura, 2020.)

Nesse contexto, a escrita de Osman Lins 2020 retrata a sua literatura de forma semelhante à de Conceição Evaristo em *O Visitante* (1955), pois é uma escrita na qual retrata a vida de uma professora chamada Celina, que parte da obra fala-se sobre o “paraíso” em que a personagem vive, também, do drama de quem caiu em tentação e pecou, uma vida conturbada que grita na sua consciência, devido sua religiosidade.

O autor menciona Celina, como um modelo de mulher que vive em uma cidade conservadora, a qual passa por situações desconcertantes, mas que sofre o apedrejamento da sociedade, por ter engravidado de um homem casado. Nesse contexto, a crítica que se passa na história, envolve a denúncia sobre a mulher não ter controle sobre seu corpo, sobre suas vivências, uma vez que Celina viaja para outra cidade para realizar o aborto, decisão que foi tomada por pressão social, por ser julgada em não ser vista como mulher “pura”. Por essa atitude, Celina passa a vida lamentando a perda do filho que nunca conheceu, lamenta, também, a negação da vivência da maternidade.

Além disso, na obra também constata-se que as crianças são tratadas por nomes genéricos como “filho do professor”, “alunos de Celina”, “crianças”. Tal recurso narrativo que urge a ideia de invisibilidade à crianças que poderiam ser nomeadas, assim como as existentes na sociedade, bem como suas vontades e desejos que não são expostos ao decorrer da obra. É uma leitura que há de se refletir, de se questionar o porquê personagens baseados em pessoas reais são invisibilizados

e, mesmo sendo protagonistas, ainda permanecem e aparecem “à margem” no livro.

De maneira análoga, o autor Paulo César Prazeres Moura 2020, fala sobre a literatura como uma indagação pertencente do mundo educacional, como: “o livro é uma função pedagógica ou poética?”. Desse modo, esse impasse nos dá um direcionamento à liberdade e sobre amplitude quando trata-se de literaturas, assim como dizem as professoras Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira, 2006:

Privilegiar o uso poético da informação é também pôr em uso uma nova forma de pedagogia que mais aprende do que ensina, atenta a cada modulação que a leitura pode descobrir por entre o traçado do texto. Ensinar breve e fugaz que se concetiza no fluir e refluir do texto, sem pretensões de ter a palavra final, o sentido, a chave que soluciona o mistério. Mais do que falar e preencher, o texto ouve e silencia, para que a voz do seu parceiro, o leitor, possa ocupar espaços e ensinar também. Redescobre-se, então, o verdadeiro sentido de uma ação pedagógica que é mais do que ensinar o pouco que sabe, estar de prontidão para aprender a vastidão daquilo que não se sabe. A arte literária é um dos caminhos para esse aprendizado. (Palo; Oliveira, 2006, p. 14.)

Pelas falas das professoras, pode-se observar que o caminho a ser seguido é o verdadeiro diálogo com o ser humano leitor, seja ele adulto, criança ou idoso. Para isso, deve-se propor a pedagogia como base das leituras, pautando sempre sobre a sensibilidade como qualidade, sobre de fato, usar a leitura como ferramenta pedagógica, apresentar os livros e histórias no direcionamento do letramento do mundo, não apenas em letramentos “robóticos” em prol da alfabetização tradicional do “ba, be, bi, bo, bu”. (Palo; Oliveira, 2006.)

O autor, também disserta sobre os livros distribuídos nas escolas que os alunos têm acesso, questionando se são leituras que proporcionarão criticidade aos leitores mais jovens. Sendo assim, é imprescindível pensar nos livros e nas leituras como ferramentas do pensar crítico e de releitura de mundo, não apenas como um objeto estético, mesmo que o livro infantil, por exemplo, seja uma representatividade artística em sua composição que também é necessária.

Por isso, literaturas e escrituras como de Conceição Evaristo, são importantes para dar continuidade à leituras que nos fazem refletir e aprender,

compreender, também, que a leitura precisa fazer sentido ao leitor, e isso só pode ocorrer através de vocabulários acessíveis, que nos intermedeiam para transitar entre obras distintas, de vivências diferentes. Assim como veremos mais adiante, ao decorrer da compreensão do que se trata e como foram escritos os capítulos escolhidos para este trabalho.

3. INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES: UMA LEITURA

Neste capítulo, trazemos uma leitura da obra que serve de fonte de análise para este trabalho. É uma leitura inicial, que objetiva aproximar o leitor desta importante voz da escrita feminina negra brasileira. A priori, vamos frizar pontos importantes e biográficos da autora de escrituras, Conceição Evaristo.

Ela nasceu em 1946, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Filha de Joana Josefino Evaristo, lavadeira, e irmã de três Marias: Inês, Lourdes e Angélica, teve uma infância marcada pela ausência paterna, a qual ela diz ter sido suprida por outras presenças masculinas ao decorrer da sua vida. Suas oportunidades acadêmicas só começaram a surgir a partir dos 7 anos de idade, onde passou por um momento de grandes mudanças, ao ter que ir morar com sua tia, para que as contas da sua mãe pudessem ser amenizadas.

Essa mudança, portanto, foi o início das oportunidades educacionais de Conceição, a via de melhores oportunidades de vida passaram a ser depositadas nos eixos e fases da educação. Desde então, ela começou a compreender a relevância dos estudos, a qual, também se tornou participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país.

De modo contínuo, sua estreia na literatura foi em 1990, a partir do momento em que passou a publicar seus contos e poemas na série “Cadernos Negros”, este documento, se faz presente na literatura afro-brasileira desde 1978, quando um coletivo de poetas e ficcionistas lançaram na cidade de São Paulo o volume 1.

Ademais, destacamos a forte presença feminina neste material, pois, entre vinte e um autores do livro, doze são mulheres, fato que confirma como a autora em questão, já vizava um foco além de “apenas escrever”. Pois o feminino, após sua chegada na literatura, ganhou destaque na criação de seus contos com personagens, mas, também, na formação de escritoras falando de mulheres negras e vivências reais.

Em meio às grandes dificuldades vividas, a autora se formou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital Fluminense, é Mestre em Literatura Brasileira pela PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio de Janeiro em 1996, com a dissertação “Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, e Doutora em Literatura

Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese “Poemas Malungos, Cânticos irmãos” em 2011, na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto.

Quando trata-se da Conceição Evaristo, escritora e poetisa, pode-se dizer que suas obras têm como matéria-prima literária as vivências das mulheres negras, as quais são suas principais protagonistas, dando enfoque às reflexões acerca das profundas desigualdades raciais existentes no Brasil. A autora mistura de forma magestosa a realidade e a ficção, é uma junção feita a partir de vivências e relatos, o que pode-se denominar de “Escrevivências”, como já dito anteriormente. Assim, seus textos tornam-se instrumentos de denúncias das opressões raciais e de gênero, mas também, se voltam para a recuperação da ancestralidade da negritude brasileira, além da celebração do povo negro e suas religiões de matriz africana que comumente são escritas em seus contos. (Evaristo, 2016.)

A obra em questão foi escrita pela autora Conceição Evaristo, em 2011, e está em sua 5ª edição, ela mostra a discussão de dois objetivos que estão interligados: a multiplicidade das vozes femininas e seus contextos sociais, e a visibilidade da literatura de autoria feminina. Além de encaixar-se em uma literatura reflexiva, o que a torna uma leitura pedagógica. Ela, também, nos permite contato com as peculiaridades do ouvir e do narrar, pois a voz presente nas narrativas se alinham com os relatos presenciados no livro. Desse modo, as histórias contadas nos capítulos foram baseadas em inspirações de conversas e entrevistas feitas pela autora com mulheres negras, vivendo situações de vulnerabilidades e violências familiares e domésticas.

Insubmissas Lágrimas de Mulheres, 2016, é uma obra composta por 13 contos, cada capítulo com nome de uma mulher diferente, nomes de pessoas fictícias e reais, uma fusão de histórias verídicas ouvidas pela autora e parte “inventada”, como ela mesma pauta em seu livro. Os capítulos são divididos em: Aramides Florença, Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelha Santana Limoeiro, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, Mirtes Aparecida da Luz, Líbia Moirã, Lia Gabriel, Rose Dusreis, Saura Benevides Amarantino e Regina Anastácia.

A cada capítulo, têm-se histórias de mulheres com um padrão de vida e

escolaridades diferentes, mas os conflitos familiares, sociais e de relacionamentos afetivos, além das violências sofridas, são comparativas umas às outras. Nesse sentido, há um olhar mais cuidadoso quanto à mulher negra, pelo fato da própria autora pesquisar e criar obras dentro da literatura afro-brasileira e por toda sua historicidade.

Neste livro, podemos observar o cuidado em que a autora teve em narrar as histórias da maneira mais perto da realidade possível, com sensibilidade, sobre as grandes desigualdades sociais existentes, em muitos contos, por exemplo, o sexismo é pautado, ou seja, a obra nos mostra atos de discriminação e objetificação sexual apenas pelo gênero, no caso, o feminino. Na sua escrita, ela também deixa explícito as características diversas dos femininos e a pluralidade de mulheres, isso faz com que o livro se torne uma experiência para quem o lê, no caso de mulheres, podemos, por vezes, nos enxergar nas histórias. Outros leitores, por sua vez, podem compreender quais violências acontecem cotidianamente na nossa vida.

Sendo contos com temas sensíveis, a literatura de Conceição Evaristo, se apresenta como possibilidade para uma leitura pedagógica, não apenas uma leitura dita poética ou estética, mas pautada em trazer denúncias e reflexões, pois ao ler, é possível que memórias e sentimentos dos leitores sejam acessados. Isso ocorre porque as falas escritas por ela possuem conceitos básicos da linguística e pelas histórias comumente vistas e ouvidas.

Desse modo, neste trabalho, os três contos, que formam o corpus ou a matéria-prima para a análise de leituras pedagógicas são: Natalina Soledad, Maria do Rosário Imaculada dos Santos e Mirtes Aparecida da Luz. Respectivamente, estes foram os capítulos escolhidos por serem considerados os mais expressivos para exemplificar as diversas violências vividas por mulheres negras.

O terceiro Capítulo, conto nomeado de Natalina Soledad, aborda a história de uma mulher que se autoneomeia. Ela cresceu com a falta de amor dos pais e irmãos, mas ao longo da vida foi construindo alternativas próprias. A solidão vivida por ela – “Natalina Soledad - nome pelo qual me chamo – repetiu a mulher que escolhera seu próprio nome”. Essa história frisa uma grande pauta vinda do machismo estrutural, pois Evaristo (2016) aborda o nascimento de uma menina após a vinda anterior de seus seis irmãos, só “menino-macho” como ela mesma narra.

Surge assim, uma discussão na qual o corpo da mulher é questionado por ter

gerado outra mulher em uma família, até então, formada somente por homens. Podemos notar que a violência surge antes mesmo do nascer. Uma narração de uma “ficção” que a obra reflete como espelho da vida real. Por esse fato natural, por nascer mulher, a protagonista que recebeu o nome de “Troçoléia Malvina Silveira” cresceu com a rejeição de toda a família, uma rejeição que, mesmo sendo familiar, ultrapassou os muros e passou a ser refletida em sua vida escolar, profissional e amorosa, perdendo a chance de explorar seus potenciais e vontades.

A mulher em questão, mesmo sendo a protagonista, demora anos para assumir a grande decisão de mudança de nome, pois o ensinamento de hierarquia masculina dentro de sua própria casa, vivida por ela, era questão de respeito aos seus “criadores”. Somente aos 30 anos de idade, a personagem consegue se automeiar no cartório de “Natalina Soledad”, ou seja, solidão, nome escolhido propositalmente para não correr o risco de haver semelhanças com a sua família biológica.

O quinto capítulo, conto, chama-se Maria do Rosário Imaculada dos Santos. É uma vivência sobre uma mulher ter sido roubada da família ainda criança para exploração do trabalho doméstico, uma história sobre as heranças do colonialismo e racismo na sociedade brasileira. – “De imaculada não tenho nada – começou assim, a conversa de Maria do Rosário comigo - mas não me sinto a primeira nem a última das pecadoras, mesmo porque eu não acredito em pecados – continuou”. (Evaristo, 2016.)

Essa história, tem em seu enredo uma mulher preta e periférica, que desde a infância passou por episódios de situações financeiras de pouca renda e ainda contou com a ajuda da criação de seus avós para sua sobrevivência.

Maria do Rosário conta que seus únicos medos eram imaginários como mula sem cabeça, lobisomem e afins. Mas, ao deslumbrar-se com um casal de pessoas vindas do Sul do Brasil que a chamaram para um passeio de jipe, junto ao seu irmão, seus medos reais começaram a vir à tona, lembrou das histórias contadas pelos seus antepassados que “gente como ela” eram roubadas para serem escravizadas e, assim, esses medos reais que eram apenas contações de histórias, passaram a ser sua vivência dali em diante, pois seu irmão foi abandonado em uma rua deserta e somente ela foi levada. (Evaristo, 2016.)

Foram anos de trabalho escravo e sendo tratada como alguém inexistente, nem

pelo seu nome Maria era chamada e sim de “menina”. Ela passou 35 anos por violências simbólicas e verbais, esquecimentos de si mesma, invalidação da infância e do direito à liberdade de ir e vir, até que pudesse retornar para “Flor de mim”, sua cidade natal.

O oitavo capítulo, conto, denomina-se Mirtes Aparecida da Luz, o qual fala de uma mãe com baixa visão que narra a experiência no nascimento da filha e o abandono do companheiro. Essa mudança deixa várias perguntas no porquê dessa escolha, a qual relata: “- Tenho no meu corpo, a minha completude que é diferente da sua. Um corpo não é só olhos”. (Evaristo, 2016)

Da Luz, como narra a autora, nome pela qual a personagem quer ser chamada, passa por muitos anseios do seu marido, a grande vontade de ser pai, mas ao mesmo tempo, o medo dele de como nasceria a criança, pois fisicamente, essa questão era primordial para ele, sendo um questionamento contínuo. (Evaristo, 2016)

Sua baixa visão, foi adquirida no dia do seu parto, tal acontecimento que o homem não compreendia. Mas, Da Luz, nunca teve medo do futuro e muito menosse importava em como nasceria sua filha, Gaia Luz, como foi nomeada. O pai da criança, não soube lidar com os sentimentos vividos durante a gestação e muito menos no dia do nascimento, pois enquanto Gaia vinha ao mundo, o homem tiravasua própria vida. Cheia de questionamentos, Da Luz criou Gaia sozinha, sempre se questionando se o físico de alguém era tão importante do que o experienciar de sermãe e pai, mas as respostas jamais foram descobertas.

É possível notar nesta história, como Da Luz é uma mulher inspiradora, em como ela representa uma parcela invisível da sociedade, além de ser uma mulher preta, também é uma pessoa com deficiência e mãe solo, a qual teve que carregar uma responsabilidade dupla, mesmo nas condições vividas por ela. Uma realidade que merece mais visibilidade e reflexão.

E o fim da história? Conceição Evaristo deixa em aberto, uma história que não tem final feliz e nem triste, apenas mais um relato de vidas reais onde há muito do que ser vivido. Só se sabe que, apesar de Gaia ter traços semelhantes como a cor dos olhos, cabelos e até o timbre da voz que herdou do pai, a filha enxergava a vida como a mãe. (Evaristo, 2016.)

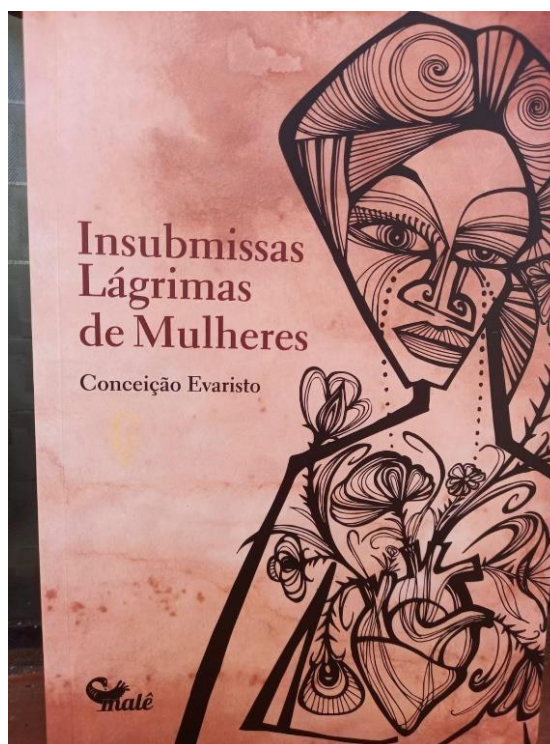
No capítulo a seguir, fazemos uma reflexão sobre as possibilidades de leitura Pedagógica na obra em tela. Considerando que este conceito de leitura,

especialmente, busca refletir sobre questões de cunho social, cultural e histórico.

4. POSSIBILIDADES DE LEITURA PEDAGÓGICA NA OBRA INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES.

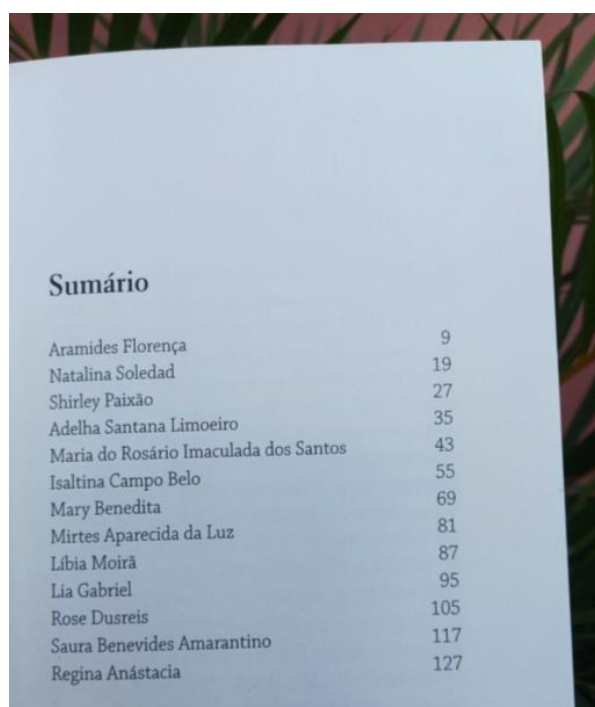
A obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, foi uma edição lançada em 2016, a qual contém na capa a imagem da representação da mulher negra em forma de desenho. Podemos chegar a esta conclusão, pela maneira com que os traços do nariz e formato dos cabelos foram magestosamente refletidos, largos e volumosos, respectivamente. Ademais, podemos notar neste desenho as lágrimas escorrendo pelos olhos da personagem para representar todas as violências e conturbações que fazem parte do meio de opressões que cercam a vida de muitas mulheres, mas que essas mesmas lágrimas, logo se tornam um florescer de vida e resistência, representado pelo entrelace de raízes e flores que compõem o coração. No mais, a capa se forma esteticamente com a presença das tonalidades terrosas, passeando entre o vermelho, rosa, vinho e marrom. Assim como demonstramos na imagem a seguir:

Figura 1 – capa do livro



Fonte: autoria própria

Figura 1 – capa do livro



Sumário	
Aramides Florença	9
Natalina Soledad	19
Shirley Paixão	27
Adelha Santana Limoeiro	35
Maria do Rosário Imaculada dos Santos	43
Isaltina Campo Belo	55
Mary Benedita	69
Mirtes Aparecida da Luz	81
Líbia Moirã	87
Lia Gabriel	95
Rose Dusreis	105
Saura Benevides Amarantino	117
Regina Anástacia	127

Fonte: autoria própria

A editora responsável pela edição deste livro chama-se Malê, fundada pelo editor de livros Vagner Amaro e o escritor Francisco Jorge, em Agosto de 2015. Uma editora que, apesar de recente, contém um enorme potencial e relevância, pois sua intenção e seus objetivos são dar visibilidade e oportunizar escritores e escritoras negras a se lançarem no mercado literário. Que leva consigo o lema de priorizar a literatura afro-brasileira em prol de mudar a visão etnocentrista de uma sociedade sob a população negra no país. Pode-se notar, portanto, como não apenas o enredo deste livro feito por Conceição Evaristo é considerado um ato de resistência, mas também, a sua escolha ao priorizar a editora Malê para o lançamento da sua obra, tornando um conjunto repleto de vozes e histórias, com um significado ancestral.

O livro em análise, no total, tem 140 páginas, edição esta, que possui 13 capítulos, os quais podemos observar na imagem acima. A cada capítulo, conseguimos experimentar um conto de vida cheio de vivências multiculturais, do ser feminino em sua tamanha diversidade, muito bem representado, regado com uma amplitude de personagens com histórias que podem ser encontradas facilmente em nossa sociedade.

Ao analisarmos os nomes desses capítulos, é notório que são nomes de

mulheres, como já mencionado anteriormente, nomes que nos remetem à pessoas reais, sem muitas grafias complexas, alguns nomes populares brasileiros como “Maria”, outros, abrigados com a utilização do “y” que é uma característica comum entre nomes no nosso país.

Cada nomenclatura dessa, pode ser verídica ou não, a autora deixa claro que as escrevivências deste livro, parte são verdadeiras, de entrevistas feitas por ela, utilizando apenas um gravador e parte são inventadas. O que, para mim, não há como ser totalmente inventadas, uma vez que vivências como estas que são relatadas, são vistas em locais publicitários e jornalísticos o tempo todo, além de serem pautadas em muitas questões históricas, até mesmo cotidianas.

Como na época da Ditadura Militar, por exemplo, em que as mulheres não podiam estar presentes em muitos ambientes sociais e trabalhistas, além do dever de cuidar da casa, ou até mesmo, casos em que aconteceram com pessoas do nosso próprio seio familiar ou de vizinhanças. Ou seja, mesmo que Conceição tenha contado sobre “invenções” em partes, ainda sim, ela consegue representar muitas “Marias e Reginas” espalhadas pelo Brasil e mundo, das quais nem ouviu histórias.

Assim, é necessário compreender, primordialmente, que há inúmeras possibilidades de discutir as leituras pedagógicas dentro desta obra, as quais são insubmissas ao nosso olhar de leitor, pois, Conceição Evaristo, deixa claro que, apesar das violências, preconceitos e desvalorização vividas pelas personagens, elas demonstram reação. Em muitos momentos, demonstram devido aos sentimentos de revolta e desespero que se perpetuam. Em outras situações, as personagens se vêm desamparadas e são colocadas em cenários de violências que elas precisam ser as próprias “salva-vidas” e de seus filhos.

Por isso a nomeação do livro, denunciar que apesar das lágrimas se manter insubmissa é uma conquista, porque ser mulher, preta e de classe baixa, já um desafio por si só. Dessa forma, as discussões que podem ser feitas são de extrema relevância para o empoderamento do feminino, sobretudo, questões discutidas de um pressuposto eixo pedagógico e antiracista.

Sendo assim, podemos ver a escrita da autora como uma expressão cultural e histórica, uma vez que a literatura poética se preocupava com histórias irreais e idealizadas, muito distante das personagens reais que Conceição traz em suas escrevivências, como por exemplo, histórias infantis de princesas (Cinderela, Branca

de Neve, A Bela Adormecida, etc), essas histórias que fazem parte do letramento e entretenimento de muitas gerações, por muitos anos ocasionaram um reflexo no feminino, em um estilo de vida que não nos empoderava e nos impossibilitava de pode traçar nossas próprias vivências, bem como Vigotsky (1999) disse: “O aluno-leitor tem a possibilidade de se tornar criador”. Isto é, faz-se necessário necessário que as leituras apresentadas desde a infância construam sentido, ideias e criações próprias daquele que lê.

Assim, urge a nessecidade da discussão acadêmica, que deve ser refletida perante o papel do curso de pedagogia na visão de Lígia Cadermatori: “Foi a preocupação pedagógica que, por muito tempo, silenciou no texto questões relativas à sexualidade, ao racismo, à segregação das mulheres e outras mazelas da sociedade e de seus jogos de poder”. (Cadermatori, 1987, p. 24.)

Desse modo, a fala de Lígia é crucial para analisarmos que é necessário que o currículo do curso, caminhe junto como passar do tempo, que acompanhe as novas formas do ensinar e as novas formas de ler o mundo, para que mais leituras como de Conceição Evaristo possam ocupar os espaços pedagógicos e, assim, criar discussões que façam parte do cotidiano de uma sociedade ou da parcela de meninas e mulheres que sofrem qualquer tipo de opressão, além de contribuir para a formação docente.

Sendo assim, no capítulo de Natalina Soledad, por exemplo, as leituras pedagógicas podem ser analisadas através do olhar do machismo, devido a questão de ser invalidada por nascer mulher tornar-se fator crucial de uma rejeição para a vida toda, ser vista como um ser sem utilidade, além de ser nomeada com um nome extremamente vergonhoso e constrangedor “Troçoléia”. Isso pode ser concebido pelo fato do nosso “sistema hierárquico” que foi construído ao decorrer do passar dos séculos. Essa cultura do machismo estrutural e enraizada, dá a eles o poder de humilhar a parcela social formada por mulheres, neste sentido:

Historicamente, o homem sempre foi considerado o detentor único do poder, e as mulheres sempre se viram excluídas dele, isso condicionou o modo de pensar de ambos, desde o berço: é assim, porque sempre foi assim! Essa representação social, partilhada por todos, ainda mantém os estereótipos, apesar da evolução dos costumes. (Hirigoyen, 2006, p. 75.)

Nesse contexto, a fala de Hirigoyen (2006) relativiza as noções de dominação masculina, as quais podemos encontrar fortemente na vivência de Natalina Soledad,

ao não ter o direito de explorar seu feminino e seus potenciais, pois estava sempre em uma posição de exclusão e minoritária perante o pai e seus irmãos. Por achar que, deveria respeitar a hierarquia na qual vivia, mas na verdade, era apenas uma prisão sem grade e uma vida num ambiente de exploração de serviços domésticos, somados com humilhações constantes apenas por ter nascido mulher, como se fosse um erro ter nascido assim.

No conto de Maria do Rosário Imaculada dos Santos, a protagonismo urgeem seu contexto principal as consequências da colonização na sociedade atual, em como mulheres e meninas negras ainda são vistas como mercadorias, uma história que traz muitas aflições e angústias ao decorrer da leitura, uma vez que a protagonista é roubada da própria família para ser escravizada, é uma pauta educativa de mundo necessária, já que o racismo persiste na sociedade. Uma entendedora do assunto, Djamila Ribeiro (2019), fala sobre ser uma questão de privilégio em que a “cultura branca” economicamente e socialmente ainda vive, o que é o oposto do modo de vida da população negra, de acordo com Ribeiro (2019):

O primeiro ponto a entender é que para falar de racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema beneficiando economicamente por toda história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas. (Ribeiro, 2019, p. 5)

Por esse fato, a fala de Ribeiro (2019), mostra a denúncia em que Conceição Evaristo nos traz, que educação antirracista é necessária. Suas escritas nos fazem refletir em como as literaturas afro-brasileiras são uma ferramenta imprescindível para o letramento racial de uma sociedade, e isso deve incluir leituras com personagens negros como protagonistas nas escolas comuns, infantis e nas graduações, não apenas com uma visão eurocêntrica e branca, mas sempre levando em consideração a historicidade dos acontecimentos, pois quando não se fala do passado ou não se refletem que pautas violentas ainda acontecem, de forma recorrente, é possível que o opressor manipule o oprimido em prol de si mesmo, bem como Paulo Freire (1987) denomina este efeito

A adesão cultural do oprimido consiste em aceitar os padrões impostos pelo opressor como positivos e, além disso, considerar essa valorização positiva que se faz como uma conclusão própria sua, dando aos mitos

opressores o status de verdades. Assim, o oprimido incorpora os padrões culturais alheios como se fossem suas próprias pautas de vida (Freire, 1987, p. 85).

Dessa forma, nota-se a grandiosidade de tratar de temas sensíveis, como o racismo nas leituras, e usá-las como ferramenta pedagógica, em prol da valorização da cultura negra, dos seus direitos e do empoderamento da própria população preta.

No oitavo capítulo, Mirtes Aparecida da Luz, há uma possibilidade de leitura pedagógica sobre a performance do ideário do corpo feminino, do padrão em que se espera que a mulher tenha, ideário esse, vindo da imaginação masculina. Também, da imagem que a mulher precisa carregar perante as dificuldades vividas dentro de uma relação afetiva.

Da Luz, a personagem principal, é descrita como uma mulher muito receptiva, que conta sua história de maneira a questionar se o suicídio do marido, seria pela sua baixa visão e pelo medo de como nasceria a filha do casal. Essa atitude do marido de Da Luz, mostra como a pressão social em corpos e padrões femininos, podem refletir tanto na vida da mulher, como na do homem, a partir do momento em que ele se permite viver uma relação com alguém “fora do padrão”. Para Le Breton (2006)

A sociologia do corpo constitui um capítulo da sociologia especialmente dedicado à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social cultural motivo simbólico, objeto de representações e imaginários”. (Le Breton, 2006, p.07)

Isso demonstra que a conceituação de corpos, pode estar representada de diversas maneiras, em leituras, filmes ou até mesmo na publicidade, mas, em contraste, pode estar associada ao imaginário, neste caso o masculino.

Dessa forma, podemos refletir sobre as diversidades de mulheres e femininos existentes. Não apenas esse eixo, mas em como o masculino e sua historicidade podem afetar as nossas vidas desde a infância, em como a mulher negra é vista e associada à um objeto comercial, de violências constantes, sejam elas em relações afetivas, familiares ou de classe.

Nesse contexto, as discussões feitas sobre as possibilidades de leituras pedagógicas na obra de Conceição Evaristo, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), nos deixam grandes e importantes reflexões das vivências negras femininas. No qual os espaços acadêmicos devem ser utilizados para essas discussões, usando as escrituras como fonte de saber e de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho traz em seu título a palavra fios, em uma referência ao Fio de Ariadne, que de acordo com a lenda Grega, poderia conduzir o povo a uma nova Creta. O fio, como metáfora, também significa uma possibilidade de resolução de problemas éticos, sociais e morais da civilização. Entrelaçar fios, na educação, é, aqui, a possibilidade de criarmos novas formas de educar; de sermos humanos. Fios entrelaçados, podem fazer cobertores ou mantas, para proteger do frio; redes para acolher o sono; roupas físicas e simbólicas para vestir o corpo e o coração. Assim, os diversos fios da vida tecidos na sala de aula, podem criar caminhos de respeito, solidariedade, força e esperança.

Além desta metáfora, objetivamos que a análise deste trabalho são as possibilidades de leitura pedagógica na obra da escritora Conceição Evaristo. No qual a metodologia utilizada é qualitativa por meio da pesquisa bibliográfica; tendo como seu objetivo geral refletir sobre essas possibilidades. Isso, acredito que foi alcançado. Certamente, ainda há muito o que ser dito, pois, sua escrita está chegando aos poucos em nossos espaços, assim como os debates que tratam da leitura pedagógica. Esta leitura que é planejada para o espaço educativo; esta leitura que quer o diálogo, a reflexão e a problematização das questões sociais.

Sendo assim, este trabalho analisou a partir de escritas de vida, questões sociais que gritam dentro e fora da escola. Gritos que parecem não serem ouvidos. Portanto, obra de Conceição Evaristo me despertou o desejo de compreender mais sobre o que são escritas e o porquê suas leituras são impactantes na vida dos leitores e leitoras pois apresentam várias adversidades associadas não somente à estética do feminino mas, sobre as questões ditas cotidianas e não relevantes, tornando elas problematizadas e refletidas na obra, com uma escrita acessível, feita com muita competência e sensibilidade, tornando Conceição Evaristo uma escritora que alcança uma diversidade maior de pessoas.

A pesquisa também, engrandece outras pautas importantes, como por exemplo, a valorização da literatura afro-brasileira, a começar pela vida da própria autora, mas não apenas esse fato, pois nesta e em outras coletâneas, como *Olhos D'água* (2014), Conceição utiliza termos originários das religiões de matriz africana (Umbanda e

Candomblé), ou seja, a ancestralidade nas suas obras são sempre protagonistas. As histórias geralmente contam a vida da mulher negra como foco, assim como tornar a leitura um ato pedagógico que a autora em questão se faz presente, tornando-se uma das principais discussões desse trabalho.

Outra questão que foi considerada e discutida, é que a literatura é portadora de discursos e modelos de vida que são repassados de forma calma, tranquila, sem que percebamos o seu teor. Bem como questões ligadas à religião, gênero e sexualidade, raça, prestígio social, capital físico e simbólico e outras infinitudes de valores que nos atravessam através da linguagem, as quais chegam a nós sem que nos demos conta disso e a leitura pedagógica questiona isso.

Em conclusão, devemos refletir em como as leituras pedagógicas inseridas nas obras literárias podem ser poderosas e necessárias para a compreensão de mundo e de atentar-se à sensibilidade de observar os grandes modos de exploração e violências vividas por mulheres, por exemplo, sobretudo, mulheres negras e periféricas. Refletir esta temática não apenas como uma questão acadêmica, mas real, lembrando de histórias como essas que ocorrem cotidianamente.

Além de, refletirmos os inúmeros entrelaces que, juntos, podem se formar um grande e novo tecido educacional, que são as interdisciplinaridades nas graduações de licenciatura, assim, poderemos ver as novas possibilidades de educação, de didáticas e metodologias, de leituras, bem como Paulo Freire é assertivo ao afirmar que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação.” (Freire, 1991, p. 84)

Em suma, é necessário que uma educação crítica se dissemine, para que assim, a sociedade caminhe junto ao tempo e cada vez menos violências e exclusões vivam em nosso meio e, nesse sentido, a leitura pedagógica, através da obra de Conceição Evaristo pode ser uma porta aberta repleta de esperança.

REFERÊNCIAS

- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HIRIGOYEN, Marie - France. **A violência no casal: da coação psicológica à agressão física**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 256 p.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2ª edição, Petrópolis, RJ, Vozes, 2007. Tradução: Sônia M.S. Fuhrmann.
- LINS, Osman. **Imagens de criança de na literatura**. Petrópolis, Vozes, 2022
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MOURA, César Prazeres Moura. **Infância, criança e literatura**. Rondônia: Edufro, 2020.
- PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil – voz de criança**. São Paulo: Ática, 2006.
- RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. São Paulo: Unesp, 2022.
- SECRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. São Paulo: Ateliê editorial, 2010.
- VYGOSTKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- [www.https://negrasescrituras.com/insubmissas-lagrimas-de-mulheres-conceicao-evaristo/](https://negrasescrituras.com/insubmissas-lagrimas-de-mulheres-conceicao-evaristo/)
- [www.http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo](http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo)
- www.lettras.ufmg.br/literafro/editoras/1092-editora-male